



GESTEIRA, Heloísa, MARINHO Pedro, CAROLINO, Luis Miguel (ed.), *Formas e representações do Império. Ciência, tecnologia e política, séculos XVI-XIX*, Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 2014
ISBN 978-85-7753-287-2

Sumário

Apresentação

Parte I – Impérios em perspectiva

Pensar o Império

Ilmar Rohloff de Mattos

Parte II – Saberes, políticas e projeções imperiais

Um grande inventário da Natureza: políticas da Coroa em relação ao Brasil na segunda metade do século XVIII

Maria Beatriz Nizza da Silva

Saberes e política: os astrónomos em Mato Grosso (1782-1789)

Joaquim Romero de Magalhães

Um observatório astronómico nos confins da América portuguesa 1750-1760

Heloisa Meireles Gesteira

Um império de outro Mundo: a Lua dos Áustrias e a Lua dos astrónomos

Thomás A. S. Haddad

História e passado da América portuguesa: escritores, religiosos repúblicos do Brasil no século XVII e sua fortuna histórica

Carlos Ziller Carmenietzki

Imagens do império atlântico português: análise de uma carta-portulano quinhentista

João Carlos Garcia e André Ferrand de Almeida

Dom Rodrigo de Sosa Coutinho, a ciência e a construção do império luso-brasileiro: a arqueologia de um programa científico

Luís Miquel Carolino

Parte III –Natureza e Coleccionismo

Bosque de Minerva: artefatos científicos no colecionismo joanino

Junia FerreiraFurtado

Colecionismo naturalista na Évora do século XIX: as coleções como fundamento da teologia natural no discurso de frei Manuel do Cenáculo

Luis Miquel Pires Ceriaco e João Carlos Pires Brigola

Saint-Hilaire: viagem e botânica filosófica

Lorelai Kury

Expedição Castelnau e o Império brasileiro: imagens do interior

Maria de Fátima Costa

Um Imperador, um naturalista e um diário de viagem

Alda Heizer e Manuela Sobral

Representações da Natureza: os discursos legislativos e as crônicas da América portuguesa

Maria Isabel de Siqueira

Martius na cachoeira de Araracuara: a imagem do índio e da fronteira americana na historiografia do império tropical

Priscilla Faulhaber

Parte IV- Ciência ensino e engenharia na construção do espaço imperial

Em defesa do novo Império: a formação de engenheiros brasileiros nas grandes écoles francesas nas décadas de 1820-1830

Sílvia F. de M. Figueirôa

A intervenção dos engenheiros portugueses formados na École de ponts et chaussées de Paris no território, na política e no ensino técnico em Portugal na primeira metade do século XIX

Ana Cardoso de Matos

O Instituto Politécnico Brasileiro: em busca de um locus para a nascente engenharia civil no Brasil Imperial

Pedro Eduardo Mesquita de Monteiro Marinho

Um olhar introspectivo: a revista de *Obras Públicas e Minas* e a engenharia colonial

Maria Paula Diogo e Ana Carneiro

A filial da Sociedade de Geografia de Lisboa no Brasil: entre ciência e a Política

Cristina Pessanha Mary

Posfácio

A historiografia sobre ciências e impérios: Constituição e desenvolvimento

Maria Amélia M. Dantes

A intervenção dos engenheiros portugueses formados na École des Ponts e Chaussées de Paris no território, na política e no ensino técnico de Portugal na primeira metade do século XIX, (pp. 435-468).

Resumo

A construção do Estado liberal oitocentista exigiu a organização do território e a modernização da administração pública. Processo esse a que não foi estranha a afirmação de alguns grupos sociais e a necessidade do desenvolvimento da ciência e da técnica como suporte do progresso económico e do bem-estar social das populações.

Desse modo, a abordagem da modernização territorial e a defesa do progresso económico remetem-nos, por um lado, para a questão do progresso da ciência e da tecnologia no interior do país e, por outro, para a circulação dos conhecimentos técnico/científicos, para a mobilidade dos *experts* e para a transferência de tecnologia. Nesse contexto os engenheiros portugueses que completaram a sua formação no estrangeiro e viajaram pela Europa foram agentes importantes da circulação de conhecimentos e da transferência de tecnologia.

Ao longo do século XIX os engenheiros assumiram-se como um grupo profissional com competências técnicas específicas e desempenharam um papel determinante na modernização do país, quer pela sua intervenção na política e na indústria, quer pela sua ação na planificação e direção das grandes obras públicas. No entanto, se alguns dos engenheiros militares foram capazes de adequar os conhecimentos que tinham adquirido aos novos desafios que colocavam as obras públicas, a verdade é que a construção de uma infraestrutura territorial, como as ferrovias, ou a realização de grandes obras hidráulicas, como os portos, exigiam conhecimentos específicos, teóricos e práticos, que não faziam parte dos currículos das escolas de engenharia existentes no país. Assim, vários engenheiros portugueses procuraram completar a sua formação no estrangeiro, nomeadamente na École des Ponts et Chaussées de Paris, que, na altura, era uma referência para os engenheiros que pretendiam trabalhar nas obras públicas.

No regresso a Portugal os engenheiros portugueses formados nessa escola tiveram um papel determinante na construção das redes de estradas e de caminhos de ferro, as quais permitiram a “conquista do espaço nacional”, pressuposto essencial à construção do Estado liberal oitocentista e à criação de um mercado nacional.

No entanto, a ação desses engenheiros não se restringiu às obras públicas. Alguns deles assumiram importantes cargos políticos e participaram ativamente nas decisões tomadas pelo governo para a construção de infraestrutura territorial ou para a renovação do ensino técnico. Outros dirigiram as principais escolas técnicas e de engenharia do país, ou lecionaram nelas, e contribuíram com a experiência que tinham adquirido durante os estudos feitos no estrangeiro para a renovação dos métodos e da organização do ensino dessas mesmas escolas.

Neste texto analisamos o papel que os engenheiros portugueses que completaram a sua formação na École de Ponts et Chaussées de Paris durante a primeira metade do século XIX tiveram nos vários campos acima referidos até a instituição em Portugal da Regeneração, sistema político que se iniciou em 1851. A razão de fazermos incidir o nosso estudo sobre esse período prende-se, por um lado, ao facto de considerarmos que os engenheiros formados naquela escola até 1851 contribuíram de forma significativa para tentar introduzir nas escolas de engenharia criadas em Portugal na década de 1830 um novo modelo de formação de engenheiros baseado na École des Ponts et Chaussées. Por outro lado, prende-se ao facto de esses engenheiros terem contribuído para integrar Portugal no espaço transnacional europeu de *ponts et chaussées* e terem tido um papel importante na implantação em Portugal de um modelo de organização do território em que as obras públicas eram determinantes. A ação desses engenheiros nas obras públicas, nas estruturas políticas administrativas do Estado ou no ensino prolongou-se pela segunda metade do século e passou a contar com o contributo de um novo contingente de engenheiros formados também na École de Ponts et Chaussées.